

RECORTES DA PAISAGEM: PERCEPÇÕES DO SENSO COMUM À APROPRIAÇÃO DA GEOGRAFIA

LANDSCAPE CLIPPINGS: FROM THE COMMON PERCEPTION TO THE APROPRIATION BY THE GEOGRAPHICAL SCIENCE

RECORTES DEL PAISAJE: LAS PERCEPCIONES DESDE EL SENTIDO COMÚN HASTA LA APROPRIACIÓN POR LA GEOGRAFÍA

Ilana Barreto Kiyotani

Mestre em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba.

Professora do Curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal da Paraíba.

Contato: R. José Augusto Trindade, 376 – Tambaú.

João Pessoa/PB. CEP: 58039-020

Email: ilana.kiyotani@gmail.com

RESUMO

O conceito de paisagem pensado desde a Modernidade, através do entendimento pelo senso comum, passou ao longo dos anos por várias reflexões e modificações. O termo surgido em língua alemã (*Landschaft*) foi traduzido para várias outras e ganhou o mundo, tornando-se um dos mais estudados entre diversas ciências e profissões. Designado primeiramente como um recorte do espaço captado pelo olhar do observador, o conceito foi agregando com o tempo um olhar mais sensível; deixou de ser apenas um fragmento do espaço físico para conceber-se como cultura, como a realidade de interrelações entre seres e meio.

Palavras-chave: paisagem, geografia, epistemologia, ciência.

ABSTRACT

The concept of landscape thought since antiquity, by understanding the common sense, has over the years by various reflections and modifications until the present day. The term first appeared in German (*Landschaft*) was translated into several languages and won the world, becoming one of the most studied, among various sciences and professions. When designated as an approach to the space captured by the eye of the beholder, the concept was taken up by the time a more sensitive, the landscape is no longer just a fragment of the physical space to be conceived as a culture, as the reality of the interplay between various beings and the environment visible or not to our eyes.

Key-words: landscape, geography, epistemology, science.

RESUMEN

El concepto de paisaje desde el pensamiento moderno, mediante la comprensión del sentido común, tiene pasado durante los años por reflexiones y modificaciones. El término apareció en Alemania (*Landschaft*), fue traducido a varios otros idiomas y ganó el mundo, convirtiéndose en uno de los más estudiados entre las diversas ciencias y profesiones. Delineado en el principio como un recorte de el espacio capturados por el ojo del espectador, el concepto fue añadiendo con el tiempo una mayor sensibilidad, ya no es sólo un fragmento del espacio físico, ahora se concibiéndose como una cultura, como la realidad de las interrelaciones entre las personas y el medio ambiente.

Palabras-clave: paisaje, geografía, epistemología, ciencia.



O conceito de paisagem é, ainda hoje, um campo do conhecimento que passa por questionamentos. Ao longo dos anos, desde a Modernidade, este conceito foi sendo formado por vários ramos do conhecimento, seja por pintores, filósofos, literários, geógrafos, arquitetos, ambientalistas; enfim, uma infinidade de “definições” e principalmente de percepções surgiram para tentar determiná-lo.

Este breve estudo tem por objetivo resgatar algumas das percepções surgidas ao longo do tempo, analisando sua evolução, porém sem a pretensão de abranger todos os momentos de discussão, já que “paisagem” teve e tem um grande número de definições e estudos. Aqui seguirão momentos nos quais a mudança na percepção da paisagem foi mais marcante, dando ênfase a sua construção dentro da ciência geográfica.

“Até o século XVIII, a paisagem era sinônimo de pintura. Assim, foi na mediação com a arte que o sítio (lugar) adquiriu estatuto de paisagem” (ROSENDAHL e CORRÊA, 2001, p.15). Estas imagens pintadas pelos artistas eram o que dava definição ao termo paisagem, conhecido até então somente por essa percepção de ilustração. Até o século XIV as paisagens estavam presentes apenas como fundo para quadros religiosos, cenas do dia-a-dia ou retratos, foi a partir do século XV que elas passaram a ser, de fato, o propósito primordial da pintura (ALVES, 2001, p.68).

A paisagem neste tempo se dá como a exibição de cenas da natureza que atendem aos valores estéticos dos seus observadores, não é algo que se comprometa com a realidade vivida ou as condições de vida, são apenas ideais de beleza que são pintados para serem admirados, contemplados. É justamente a natureza contemplativa que a princípio trará à tona a noção de paisagem.



Árvores no Jas de Bouffan - 1875/1876
Cézanne, 1875/1876.

Para quê descrições quando o olhar depara-se com um quadro como este de Cézanne (1875/1876). A imagem é bem clara, porém o sentido dela provavelmente irá mudar de acordo com o mundo interior de cada contemplador. Aparentemente tudo que um artista quer expressar está em sua obra, por isso que a paisagem é simbologia e semiótica, é a forma do autor expor seu olhar e tentar fazer com que o outro o capture, comunicando-se; ou quem sabe, despertar um novo olhar a cada observador que surgir.

Na maior parte das vezes, não chegamos a tomar consciência de que o nosso *estar no mundo*, como indivíduos sociais que somos, é mediado por uma rede intrincada e plural de linguagem, isto é, que nos comunicamos também através da leitura e/ou produção de formas, volumes, massas, interações de forças, movimentos; que somos também leitores e/ou produtores de dimensões e direções de linhas, traços, cores... Enfim, também nos comunicamos e nos orientamos através de imagens, gráficos, sinais, setas, números, luzes...Através de objetos, sons musicais, gestos, expressões, cheiro e tato, através do olhar, do sentir e do apalpar. Somos uma espécie animal tão complexa quanto são complexas e plurais as linguagens que nos constituem como seres simbólicos, isto é, seres de linguagem. (SANTAELLA, 2005, p.2)

Paisagem tem a ver com sentimento, com a visão interior que cada ser tem de si mesmo, ou do lugar que vive, ou dos sonhos que possui; ela não é absoluta como uma soma matemática, senão uma soma de sentimentos enraizados naqueles que a reproduz e nos que a observa. A paisagem é particular para cada ser humano, pois a leitura individual é aquela que lhe dará sentido. Em outros domínios das artes como a música ou a literatura a paisagem foi também forma de afirmação identitária, onde cada ser pode agarra-se as suas origens, lembrando-a, sentindo-a, seja lendo, compondo, ouvindo.

Tantos foram os poetas, literários, músicos que escreveram e cantaram paisagens. Alguns de forma extremamente descritiva, como se detalhasse uma foto, outros utilizando metáforas, prosopopéias, para dar vida ao sentimento. Abaixo o poeta português Fernando Pessoa define o que é para ele paisagem, demonstrando o quão interior e particular pode ser a definição de paisagem. Quem sabe é este também um “conceito poético”:

Paisagens, quero-as comigo

Paisagens, quero-as comigo.

Paisagens, quadros que são...

Ondular louro do trigo,



Faróis de sóis que sigo,
Céu mau, juncos, solidão...
Umás pela mão de Deus,
Outras pelas mãos das fadas,
Outras por acasos meus,
Outras por lembranças dadas...
Paisagens... Recordações,
Porque até o que se vê
Com primeiras impressões
Algures foi o que é,
No ciclo das sensações.
Paisagens... Enfim, o teor
Da que está aqui é a rua
Onde ao sol bom do torpor
Que na alma se me insinua
Não vejo nada melhor. (PESSOA, 1996, p.419)

A partir da exposição da paisagem pelos artistas começa-se a construir uma definição para o termo sob o senso comum. Ora, o que se vê de belo, do natural, é paisagem; é aquele lugar, aquela visão, que o observador pode avaliar como harmônico e esteticamente bonito. Diferente da ciência, a percepção da paisagem no senso comum não avalia elementos ou graus qualitativos, a paisagem torna-se simplesmente o substantivo para dois simples adjetivos: feio ou bonito.

Já em uma linha temporal e epistemológica, uma ruptura entre o senso comum e a ciência dá-se na transição da ciência clássica para a ciência moderna. Se na ciência clássica o subjetivismo é enfatizado, a busca é pessoal e voltada para questões de bem-estar, no conhecimento moderno o saber é imparcial. Segundo Santos (1989, p. 33),

em ciência, nada é dado, tudo se constrói. O senso comum, o conhecimento vulgar (...) são opiniões, formas de conhecimento falso com que é preciso romper para que se torne possível o conhecimento científico, racional e válido. A ciência constrói-se pois contra o senso comum e, para isso, dispões de três atos epistemológicos fundamentais: a ruptura, a construção e a constatação.

Desta mesma forma acontecerá com o conceito de paisagem, o que antes somente esteve presente no senso comum começa ser construído dentro de algumas ciências. Segundo Tricard (1982, p. 15)

(...) a noção de paisagem diferencia-se desde então, do senso comum do termo. Este permanece puramente descritivo e vago, pois que não existe necessidade de precisar na paisagem os elementos que a constituem. Paisagem pode descrever um



conteúdo emotivo, estético, intrinsecamente subjetivo do próprio fato. Ao contrário, o conceito científico de paisagem abrange uma realidade que reflete as profundas relações, frequentemente não visíveis, entre seus elementos. A pesquisa dessas relações é um tema de investigação regidas pelo método científico. (...) a paisagem, na concepção vulgar do termo, nada mais é do que a ponta do iceberg. Ao pesquisador, cabe estudar toda a parte escondida para compreender a parte revelada.

Mais especificamente dentro da geografia, ciência aqui enfatizada, este conceito sofrerá rupturas, a principal delas virá com a Geografia Crítica, momento no qual pesquisadores são tomados por olhar mais humanista para estudá-lo. A paisagem é objeto de estudo da geografia desde sua iniciação como disciplina científica, aliás, foi justamente este conceito um dos primeiros a basear esta ciência, desde conhecimentos trazidos por Humboldt e Ritter.

Na herança da estética romântica naturalista, bem evidenciada por Humboldt, a paisagem ocupa lugar proeminente na Geografia. (...) Com efeito, *landschaf* tanto significava uma porção limitada da superfície da terra que possuía um ou mais elementos que lhe davam unidade, como a aparência da terra tal como era percebida por um observador. (SALGUEIRO, 2001, p. 40)

Segundo Salgueiro (2001), neste primeiro momento existiu dois principais modos de se estudar a paisagem pela geografia: um baseado na fisionomia e outro que expressa além dos seus atributos físicos-naturais e humanos, dando abertura às interligações entre tais.

De fato, primeiramente, na geografia, se analisou a paisagem muito mais sob sua perspectiva puramente física que aquela humanizada. Desse momento surgiram inúmeros trabalhos descritivos, que se atinham a detalhes topográficos e geomorfológicos. Faziam parte desses estudos a observação do relevo, vegetação, solo e clima. Segundo Tricart (1982), para os brasileiros, relevo e solo, se constituem em características determinantes para o estudo da paisagem. Christofolletti em 1982, fazendo um apanhado sobre a ciência geográfica acrescenta,

Considerando a paisagem como o fato que melhor expressava o relacionamento entre o homem e o meio e caracterizava as diferenças entre as áreas, mostrando concreta e objetivamente os diversos acontecimentos, a função do geógrafo era a de pesquisar a natureza visível, os elementos da fisionomia. (CHRISTOFOLLETTI, 1982, p.71)

Num segundo momento, a geografia começou a incorporar ao conceito de paisagem uma visão mais humanística.



Os estudos da paisagem, inicialmente muito focados na descrição das formas físicas da superfície terrestre, foram progressivamente incorporando os dados da transformação humana do ambiente no tempo, com a individualização das paisagens culturais face às paisagens naturais, sem nunca perder de vista as interligações mútuas. (SALGUEIRO, p. 41, 2001)

A passagem acima citada refere-se provavelmente a uma nova ruptura epistemológica, tanto vivenciada pela ciência em geral como pela geografia. Na ciência, esse talvez seja o momento da ruptura epistemológica entre ciência moderna, totalmente positivista e quantificável, e ciência pós-moderna, que retoma alguns princípios da ciência clássica, numa certa possibilidade do subjetivo também ser ciência. Começa-se a questionar nesse período o quantificar como o caminho necessário para se fazer ciência com qualidade.

Já para a ciência geográfica, este momento em que a interação homem-meio começa a ser analisada constitui-se na passagem de uma geografia quantitativa rumo à Geografia Crítica, na qual ao conceito de paisagem vai ser somada às interações do ser humano com seu meio. Segundo Capel (1981, p.426) “no início dos anos 70 a insatisfação perante o paradigma quantitativo começa a questionar seus resultados e o sentimento de descontentamento se converteu então em um movimento crítico radical”.

Antes da Geografia Crítica (do movimento radical) a transformação da paisagem é estudada como mero processo evolutivo, sem serem avaliadas as causas desse. Era como se a justificativa para as transformações fosse a simples passagem natural do tempo (cronológico), desconsiderando inclusive o poder de impacto da cultura humana sobre as paisagens. No entanto, com a visão crítica, começa-se a questionar os problemas sociais que estão por trás e que realmente justificam boa parte das transformações na paisagem. (CAPEL, 1981)

Com a paisagem sendo entendida como o resultado de uma interação homem-meio, possibilitando enxergar o homem como construtor e transformador de paisagem, muito do que foi escrito antes sobre este conceito já não fazia muito sentido. Analisar a paisagem como mera “evolução” da natureza não proporcionava entendimento nem solucionava muitos problemas que envolviam este tema. Era preciso mudar, rever conceitos. A percepção sobre a paisagem começou a ganhar consistência e a explicar melhor o que estava à frente e por trás de nossa visão. Em 1990, Troppmair escreveu,

Apesar de criticada como imprecisa, a palavra paisagem é hoje, novamente usada pelos cientistas face à visão da natureza como um ‘Todo’, como um sistema, que



ela dá. Sauer em 1925 afirma: 'paisagem é uma unidade espacial de fenômenos interdependentes'. Bertrand, 1972 diz: ' paisagem não é uma simples adição de elementos geográficos disparatados. É numa determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos, que reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução. (TROPMAIR, 1990, p. 33)

Portanto é notável, através dessa passagem, como a aceção da paisagem entre os geógrafos muda da década de 1920 para a de 1970. A geografia admitiu que paisagem não poderia ser entendida nem explicada sem a presença do ser humano em seu conceito. O homem como seu principal transformador é agora elemento ativo desta paisagem, e a Geografia Humana designou o termo paisagem cultural para definir aquela paisagem totalmente antropizada que, com o advento do capitalismo, começava a se sobrepor a paisagem natural.

Com a mudança do ponto de vista do que constitui uma paisagem, o questionamento de como ela é vista e percebida começa a mudar também. Como a paisagem já não é algo que se possa decompor meramente em elementos físicos, a percepção também começa a aguçar os sentidos e sentimentos do observador, afinal não há como avaliar ou descrever uma paisagem sem vê-la por dentro.

A paisagem é definida a partir do ponto de vista de onde ela é observada: isto supõe, como sua própria condição de existência, a atividade constituinte de um sujeito. [...] A paisagem não é objeto autônomo em si face do qual o sujeito poderia se situar em uma relação de exterioridade; ela se revela numa experiência em que o sujeito e objeto são inseparáveis, não somente porque o objeto espacial é constituído pelo sujeito, mas também porque o sujeito, por sua vez, aí se acha envolvido pelo espaço. (COLLOT, 1990, p. 22)

Em um breve, porém consistente trabalho, Collot (1990) faz uma série de consideração sobre a percepção da paisagem que falam sobre essa relação totalmente parcial entre observador e objeto (paisagem); duas passagens chamam atenção:

Por não se deixar observar totalmente, é que a paisagem se constitui como totalidade coerente; ela forma um todo, alcançado de um só golpe (...) Essa coerência, essa convergência de seus elementos constitutivos torna também a paisagem apta a significar: ela se apresenta com uma unidade de sentidos, ela fala a quem olha. (COLLOT, 1990, p.24)

A ação de ver (do observador) não se limita a registrar o fluxo de dados sensoriais; ela os organiza e interpreta, de maneira a fazer dele uma mensagem. (COLLOT, 1990, p.25)



O que estas duas passagens têm a dizer é justamente que o observador não é um “personagem” inerte, sem sentimentos e sensações; o seu eu subjetivo vai fazer parte dessa leitura, bem como a paisagem se constitui de elementos que tem seu significado. Assim é fácil compreender que cada observador vai fazer sua própria leitura de cada paisagem.

Marenzi (2003) em um breve artigo sobre a percepção da paisagem elenca o discurso de diversos autores sobre o tema, concentrando-se naqueles das décadas de 1980 e 1990. Pode-se inferir deste trabalho que os autores enfocam o subjetivismo na percepção da paisagem, o que leva a admissão de uma lógica (opinião) muito individual na avaliação da “qualidade da paisagem”, pois como apresentam os autores, o subjetivismo constitui-se em uma forma de analisar que vem sendo construída desde a infância, é a cultura e a educação que se acumula e se transforma/molda com o passar dos anos.

No estudo de Marenzi (2003), chama a atenção uma interpretação que essa autora faz do trabalho de Jordana (1992) quando diz: a percepção da paisagem, a partir de estímulos recebidos do meio, é um ato criativo, condicionado a fatores inerentes ao próprio indivíduo, a fatores educativos e culturais e a fatores emotivos, afetivos e sensitivos.

Ou seja, dois observadores provavelmente não avaliarão uma mesma paisagem da mesma forma, principalmente se eles forem de campos distintos do conhecimento. Por exemplo, um geógrafo e um arquiteto não analisarão uma dada paisagem sob os mesmos elementos de análise, bem como terão objetivos diferentes ao olhar a paisagem, o que fará com que os produtos dessa observação sejam bastante diferentes.

Além dos campos de pesquisa e das metodologias diferentes, os observadores também carregam consigo realidades pessoais diferentes, maneiras diferentes de ver o mundo, concepções próprias de belo e feio e de qualidade. Enfim, mesmo que eles tenham uma mesma orientação científica é difícil que dois observadores construam uma visão igual de uma mesma paisagem.

Concepções mais contemporâneas trazem algumas conceituações da paisagem para a ciência hoje. Segundo Mateo Rodriguez (2000, p.13), a paisagem pode ser entendida como: “un sistema espacial o territorial, compuesto por elementos naturales y antropotecnogénicos condicionados socialmente, los cuales modifican o transforman las propiedades de los paisajes naturales originales”; “área o espacio donde vive la sociedad humana, que se caracteriza por un determinado patrón de relaciones espaciales, que tiene importancia existencial para la sociedad”; e por fim, como

“resultado de la acción de la cultura a lo largo del tiempo, siendo modelado por un grupo cultural a partir de un paisaje natural”.

Essas associações de paisagem à cultura, tão evidenciadas acima, é a reflexão de um momento no tempo em que uma paisagem muito provavelmente vai ser formada por características do humano, da presença humana. Essa atual sociedade capitalista modificou o meio de uma forma que não se tem a capacidade de retorno às “paisagens naturais”, aquelas preservadas, onde a natureza é o grande cenário. As culturas e formas de vida em sociedade estão intrínsecas, indissociáveis, à paisagem, ao visível e principalmente ao invisível do hoje.

Outra idéia transcrita por Mateo Rodriguez (2000) é a de paisagem como sistema ou de que paisagem espelha o sistema. Essa abordagem sistêmica da paisagem crescerá com o surgimento da biogeografia, uma área que une dois conhecimentos, o da geografia e o da ecologia. Tricard (1982, p. 472) discorrendo sobre biogeografia diz que suas “investigaciones tienen un objeto espacial, pero solo pueden explicarlo basándose en las relaciones de los seres vivos y su medio, es decir, en la ecología”. Assim, na biogeografia a paisagem toma lugar importante na análise dos sistemas bióticos e abióticos e suas interações antrópicas que compõem o meio.

Salgueiro (2001, p. 44) complementa o raciocínio de Tricard (1982): “o desenvolvimento da biogeografia e de alguns aspectos da geomorfologia mais próximos da ecologia estão na base de uma ‘ciência da paisagem’ de caráter ecológico e profundamente naturalista (...) que, em termos metodológicos se aproximam da teoria dos sistemas”. Como sistema a paisagem começa a ser entendida por completo à medida que reflete e é reflexo das várias relações sociais e homem-meio existentes e que podem ser visualizadas e estudadas através da paisagem.

Neste ponto, há de se enfatizar a paisagem como categoria de análise geográfica, que justamente lhe dá status de sustentáculo da ciência. Mas alguns autores divergem dessa colocação. Suertegaray (2001), por exemplo, considera que paisagem é mais um conceito operacional que uma categoria analítica, pois possibilita a leitura do espaço geográfico (este sim categoria). Portanto paisagem para esta autora delinea um caminho metodológico.

Baseado no trabalho da autora acima citada tem-se uma sucinta diferenciação entre paisagem e espaço. Paisagem é percebida pelos geógrafos como a expressão materializada das relações do homem com o seu meio (num recorte do espaço). Mas esse conceito vai além do visual, porque paisagem é processo, interação entre diferentes elementos do meio e é passível do tempo. Para Santos (1996, p.103), “paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem a herança que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza”.



Nessa perspectiva, paisagem difere de espaço: paisagem é transtemporal, uma construção transversal juntando objetos. Espaço é sempre um presente, uma construção horizontal. Como conceito operacional (proposto por Suertegaray), paisagem permite analisar o espaço sob uma dimensão,

(...) qual seja o da conjunção de elementos naturais e tecnificados, sócio-econômicos e culturais. Ao optarmos pela análise geográfica a partir do conceito de paisagem, poderemos concebê-la enquanto forma (formação) e funcionalidade (organização) (...) percebendo-a como um processo de constituição e reconstituição de formas na sua conjugação com a dinâmica social. Neste sentido, a paisagem pode ser analisada como a materialização das condições sociais de existência diacrônica e sincronicamente. Nela poderão persistir elementos naturais, embora já transfigurados (ou natureza artificializada). O conceito de paisagem privilegia a coexistência de objetos e ações sociais na sua face econômica e cultural manifesta. (SUERTEGARAY, 2001, p.5)

Este pensamento da autora fecha uma série de questões aqui colocadas sobre o conceito de paisagem, pois ele resume as conotações que hoje podem ser empregadas ao termo, desde observações do dito natural, até observações econômicas e culturais. Sendo assim, pode-se visualizar o leque de possibilidades aberto para absorção e percepção da paisagem, seja a través das ciências que a trabalha, seja através de um olhar comum, não científico. Cada pessoa pode construir a *sua* paisagem mental, emocional, e mesmo racional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das ideias aqui expostas e diante de tantas pesquisas sobre o tema, pode-se notar o quanto *paisagem* é um conceito complexo e bastante trabalhado, seja pela geografia ou por outra ciência. Retomadas as percepções sobre a paisagem que se tinha desde tempos remotos, pode-se demonstrar que o conceito de paisagem é utilizado por muitos campos do conhecimento além da geografia: arquitetura, ecologia, sociologia, artes, literatura, filosofia, engenharia, urbanismo. Esta é apenas uma breve lista dos campos que este conceito perpassa, ratificando o quanto é importante a compreensão e a percepção da paisagem para muitos.

Mas não é apenas para quem faz ciência que o conceito de paisagem torna-se importante, para todos nós este também é um conceito bastante presente, afinal paisagem esta no nosso dia-a-



dia. Nas ruas, praças, praias, grandes avenidas, parques; no condomínio ao lado, nas montanhas distantes... O que nós vemos? E enfim, “tudo aquilo que a vista abarca” não é mesmo paisagem!

Tudo que está ao nosso redor compõe a paisagem, nós mesmos estamos dentro dela, nos fazemos presentes também com nossas culturas, impostas fisicamente ou não. O colorido ou a palidez das ruas, das roupas, vitrines, tudo isso esta na paisagem e vai contar aos observadores um pouco da cultura daquele povo.

A diferença entre um pesquisador e um não pesquisador ao ver a paisagem está apenas na forma que ele avaliará o seu objeto; uns utilizaram de metodologias mais imparciais para qualificá-lo, outros deixarão seus sentimento dizerem o que é feio e o que é belo.

O fato é, que tal conceito, é fundamental para a existência de inúmeras artes e diversas ciências. Particularmente para a geografia, a paisagem é um conceito chave, que nos ajuda a compreender o meio em que vivemos e para estudarmos e analisarmos as implicações trazidas pelo próprio ser humano ao seu ambiente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

ALVES, Teresa. Paisagem: em busca do lugar perdido. **Revista Finisterra**, ano XXXVI, vol. 72, p. 37-53. Lisboa, 2001.

CAPEL, Horácio. La quiebra del positivismo y Las geografias radicales. In: _____. **Filosofia y Ciencia em la Geografia Contemporanea**: uma intruduccion a la geografia. Barcelona, Espanha: Baroanova, 1981.

CHRISTOFOLETTI, Antonio. As características da Nova Geografia. In: _____ (org). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982.

COLLOT, Michel. Pontos de vista sobre as percepções da paisagem. **Boletim da Geografia Teorética**, vol.20 (39); p: 21-32. Rio Claro: Unesp, 1990.

MARENZI, Rosemeri Carvalho. **Percepção da Paisagem**. Univale, 2003. Disponível em: www.cehcom.univali.br/educacao



MATEO RODRIGUEZ, José Manuel. **Geografía de los paisajes**. Havana: Universidad de Havana, 2000. Disponível em: <http://kimerius.com/app/download/5784696079/Geograf%C3%ADa+de+los+paisajes+naturales.pdf>. Acesso em: 26/09/2012.

PESSOA, Fernando. Paisagem, quero-as comigo. In: PESSOA, Fernando. **Obra Poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

ROCHA, Yuri Tavares. Paisagens Urbanas Brasileiras e a Teoria Geográfica da Paisagem. In: Carlos G. Terra & Rubens de Andrade. (Org.). **Paisagens culturais: contrastes sul-americanos**. 1ªed. Rio de Janeiro (RJ): Escola de Belas Artes/UFRJ, 2008, v. 1, p. 123-141.

ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. (org). **Paisagem, Imaginário e Espaço**. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2001.

SALGUEIRO, Teresa Barata. Paisagem e Geografia. **Revista Finisterra**, ano XXXVI, vol. 72, p. 37-53. Lisboa, 2001.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Ciência e Senso Comum. In:_____. **Introdução a uma ciência Pós-moderna**. Porto: Litografia Ach Brito, 1989.

SANTOS, Milton. **A Natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 1996.

SUERTEGARY, Dirce Maria Antunes. **Espaço Geográfico Uno e Múltiplo**. Scripta Nova Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. nº 93. Barcelona – Espanha: Universidade de Barcelona, 2001.

TRICART, Jean. Paisagem e Ecologia. **Revista Inter-Facies: escritos e documentos**. Nº76. P. 1-54. São José do Rio Preto: Unesp, 1982.

_____, Jean. El Analisis de Sistemas y El Estúdio Integrado del Médio Natural. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (org). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982.

TROPPEMAIR, Helmut. Geomorfologia e Ecologia. **Boletim da Geografia Teorética**, vol.20 (39); p: 33-44. Rio Claro: Unesp, 1990.

